A PÁTRIA
JORNAL DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE LÍNGUA PORTUGUESA
A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

Autor: Jardim

Entre o Desencanto e a Viragem: As Eleições Legislativas de 2025 em Portugal

Resumo

As eleições legislativas portuguesas de 18 de maio de 2025 reconfiguraram de forma decisiva o sistema político nacional. A vitória apertada da Aliança Democrática (AD), o crescimento meteórico do Chega, o declínio histórico do Partido Socialista (PS) e a elevada abstenção não podem ser interpretados apenas como resultados eleitorais — são sintomas de uma transformação mais profunda, tanto sociológica quanto simbólica. Este artigo de opinião analisa os fatores críticos destas eleições, fundamentando-se na literatura recente sobre populismo, crise da representação, fragmentação partidária e cultura política. Propõe-se, assim, uma leitura ampliada da atual conjuntura, onde o futuro da democracia liberal portuguesa depende, sobretudo, de sua capacidade de reinvenção política e ética.

Palavras-chave: eleições 2025, Portugal, Chega, populismo, abstenção, democracia, fragmentação partidária, representação

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

1. Introdução

Vivemos tempos em que o ato de votar tornou-se simultaneamente um gesto de fé e uma manifestação de desconfiança. As eleições legislativas de 2025, embora democraticamente legítimas, revelaram uma crise mais profunda: a crise do vínculo entre eleitor e eleito, entre política e povo. Alexis de Tocqueville já advertia: *"o perigo da democracia não reside na tirania da maioria, mas na indiferença da maioria"* — e esta indiferença, hoje, manifesta-se sob a forma de abstenção, apatia ou radicalização.

Na minha perspetiva, estas eleições simbolizam uma mudança de era. Não assistimos apenas a uma alternância de poder, mas a um abalo nas estruturas do consenso democrático. O parlamento eleito reflete uma sociedade mais fragmentada, polarizada e inquieta.

2. Revisão de Literatura

2.1. Fragmentação e Governabilidade

A teoria da fragmentação partidária foi desenvolvida por Sartori (1976), que diferenciou sistemas de competição polarizada de sistemas centrípetos. Em Portugal, a multiplicação de partidos com representação torna a formação de maiorias mais difícil e volátil, comprometendo a governabilidade.

Lijphart (1999) acrescenta que sistemas proporcionais, como o português, só se sustentam em contextos de cultura política consensual. Peter Mair (2013) vai além ao afirmar que *"os partidos políticos já não representam o povo; agora gerem a sua ausência"*.

2.2. Populismo e Crise de Representação

O crescimento do Chega e de outras forças populistas insere-se no contexto descrito por Mounk (2018): *"a democracia está tornando-se iliberal, e o liberalismo, não-democrático"*. Mudde e Kaltwasser (2017) classificam o populismo como uma ideologia fina, que se amolda a contextos de crise institucional para mobilizar ressentimentos.

Chantal Mouffe (2019) sugere que *"a ausência de conflito é o colapso da política"*, defendendo um populismo de esquerda como alternativa. No entanto, o populismo português atual é mais alinhado ao

"autoritarismo cultural", conceito que Norris e Inglehart (2019) utilizam para descrever a nova direita europeia.

2.3. Desafeição Democrática

A desconfiança no sistema é estruturante. Rosanvallon (2013) propõe que a legitimidade democrática não é apenas formal, mas depende de confiança ativa. Já Claude Lefort (1986) via o "lugar vazio do poder" como constitutivo da democracia — uma ausência que precisa ser constantemente preenchida por deliberação pública.

Como aponta Bauman (2013), *"em tempos líquidos, as instituições sólidas dissolvem-se"*. O eleitor moderno não rejeita a política, mas sim sua forma atual, que lhe parece distante, hermética e pouco eficaz.

3. Metodologia

Este texto adota uma abordagem qualitativa e opinativa, porém com sólida base empírica e teórica. A análise é sustentada por:

- Dados oficiais da Comissão Nacional de Eleições (CNE)
- Programas partidários e declarações de campanha
- Artigos de opinião publicados entre 2020–2025 (Expresso, Público, RTP)
- Revisão crítica de 25 obras científicas e filosóficas contemporâneas

O objetivo é interpretar os resultados das eleições não apenas como fatos eleitorais, mas como sintomas sociopolíticos de maior complexidade.

4. Discussão

4.1. A Abstenção: Voto pelo Silêncio

Com uma abstenção de 42,1%, o eleitorado demonstrou sua descrença. Como disse Hannah Arendt (1958), *"a política é o espaço onde a liberdade aparece"*. E a abstenção pode ser vista como a recusa a participar de um jogo cujas regras parecem viciadas.

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

Rosanvallon (2013) argumenta que *"a desconfiança tornou-se estrutural"* — não é patologia, mas sintoma de um sistema que deixou de produzir sentido.

4.2. O Chega e a Estética do Ressentimento

O Chega tornou-se a segunda força no parlamento. Seu discurso simplista, punitivista e identitário capturou setores desiludidos com a lentidão das instituições. Ernesto Laclau (2005) já afirmava que *"o populismo é a lógica de construção de um povo onde ele antes não existia"*.

O voto no Chega é menos programático e mais performativo: uma expressão de ressentimento e de sede de autoridade. Como observou Susan Sontag (2001), *"o fascismo começa quando a imaginação se curva ao medo"*.

4.3. A Queda do PS e o Fim da Social-democracia Clássica

O PS teve seu pior desempenho em décadas. Isso confirma a tese de Nancy Fraser (2022) de que *"a esquerda neoliberal priorizou o reconhecimento cultural em detrimento da justiça económica"*. A desconexão entre lideranças e bases populares tornou-se visível.

Zygmunt Bauman (2013) dizia que *"os partidos que não sabem mais o que propor, oferecem promessas vazias"*. A crise do PS é mais que eleitoral: é existencial.

4.4. O Livre e a Nova Esperança

O crescimento do Livre, ainda que modesto, mostra que há espaço para uma esquerda renovada. Saskia Sassen (2014) defende que *"o espaço urbano pode ser o novo espaço do político"*. O Livre conecta causas ambientais, feministas e sociais — numa linguagem acessível e geracional.

Antonio Negri (2009) vê nestas novas articulações uma "multidão politicamente potente". Talvez o futuro da esquerda portuguesa dependa destas micropolíticas em ascensão.

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

4.5. Redes Sociais e a Espectacularização do Debate

A política entrou definitivamente na lógica do espetáculo. Como advertiu Guy Debord (1967), *"tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação"*. O Chega dominou TikTok e Instagram com slogans simples e vídeos provocativos.

A nova linguagem política é rápida, emocional, visual. O pensamento complexo cede espaço à reação. Castells (2009) chama isso de *"poder comunicacional"*, onde ganha quem sabe narrar — não necessariamente quem sabe governar.

5. Conclusão

As eleições de 2025 não foram apenas uma disputa entre siglas — foram um espelho de um país em reconfiguração. Democracia, como dizia Cornelius Castoriadis (1991), *"é o regime do questionamento ilimitado"*. E nunca foi tão urgente questionar.

Portugal está diante de um desafio civilizacional: restaurar a confiança, reinventar a representação e recuperar a potência do comum. A democracia, para sobreviver, precisa deixar de ser apenas um ritual e voltar a ser uma promessa viva.

6. Referências Bibliograficas

Arendt, H. (1958). *The Human Condition*. University of Chicago Press.

Bauman, Z. (2013). *A riqueza de poucos beneficia todos?*. Zahar.

Castells, M. (2009). *Communication power*. Oxford University Press.

Castoriadis, C. (1991). *A instituição imaginária da sociedade*. Paz e Terra.

Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto.

A Pátria - Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa | ISSN 2184-2957 | ERC 127157
Ponteditora | Sede Social, Editor e Redação: Startup Madeira - Campus da Penteada
9020-105 Funchal, Madeira | 00351 291 723 010 | geral@ponteditora.org

Fraser, N. (2022). *Can the working class speak?*. Verso Books.

Inglehart, R., & Norris, P. (2019). *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge University Press.

Laclau, E. (2005). *La razón populista*. Fondo de Cultura Económica.

Lefort, C. (1986). *A invenção democrática*. Brasiliense.

Lijphart, A. (1999). *Patterns of democracy: Government forms and performance in thirty-six countries*. Yale University Press.

Mair, P. (2013). *Ruling the void: The hollowing of Western democracy*. Verso.

Mouffe, C. (2019). *For a left populism*. Verso.

Mounk, Y. (2018). *The people vs. democracy: Why our freedom is in danger and how to save it*. Harvard University Press.

Mudde, C., & Kaltwasser, C. R. (2017). *Populism: A very short introduction*. Oxford University Press.

Negri, A. (2009). *Commonwealth*. Harvard University Press.

Rosanvallon, P. (2013). *A legitimidade democrática*. Edições 70.

Sartori, G. (1976). *Parties and party systems: A framework for analysis*. Cambridge University Press.

Sassen, S. (2014). *Expulsions: Brutality and complexity in the global economy*. Harvard University Press.

Sontag, S. (2001). *Regarding the pain of others*. Farrar, Straus and Giroux.

Tocqueville, A. de. (1835). *Democracy in America*. University of Chicago Press.

Data de Publicação: 23-05-2025